

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcée (Caixa 49)

Suplemento da «Epoca» (Anno X)



Anno III

Florianopolis, 8 de Novembro de 1919

Num. 12

Restaurar tudo em Christo!

Caríssimas colaboradoras.

Estamos numa época de franco feminismo, não há negar. A mulher é o alvo para onde convergem todas as manifestações do pensamento, toda a ardência do afecto e todo o entusiasmo da vontade. Diz-se até que a mulher brasileira, seguindo o exemplo das de outras nações, terá em breve o direito do voto.

Quanto a mim, encaro e desejo o movimento social feminino sob outro aspecto, isto é, tal como está levando a efeito a distinta escriptora patricia D. Amelia Rodrigues; sinto umas vibrações de entusiasmo, um quê de coragem, acompanhando pelas columnas da intrepida «A União» este movimento que se concretiza na gigantesca obra da *Alliança Feminina*. Agora mesmo acabei de saborear a substanciosa conferencia que a mesma distinta Senhora leu no salão do Círculo Católico do Rio perante um selecto auditório composto da flor da sociedade carioca.

D. Amelia Rodrigues trabalha afanadamente para que a *Alliança Feminina* seja o grande exercicio aguerrido e disciplinado a defender a integridade de nossos costumes e a pureza de nossa Fé; e por isto mesmo a Alliança tornar-se-á o mais poderoso fator de saneamento moral — imprescindível hoje, que a impiedade de mãos dadas com a corrupção ameaça invadir tudo.

Restaurar tudo em Christo é o glorioso lema da ardorosa católica e suas dignas companheiras.

Restaurar tudo em Christo! eis o que tem animado tambem a incansável directora da nossa *Penna, Agulha e Colher*, sustentando o jornalzinho das donas e donzellias ca-

tharinenses, a ponto de ficar muitas vezes só no campo de acção.

Sim, caríssimas amigas, a nossa desenção não tem sido certamente honrosa; é preciso pois voltarmos com novo ardor e nova coragem, mais disciplinadas e constantes, ora com um artigo de fundo, ora com uma phantasia, esta com um conto, aquellas com uma correspondencia amena e mesmo chistosa, etc.

A nossa *Penna* deve ser varjada, instructiva, edificante, para ser sympathetic a todo o mundo; eis porque é necessário que as colaboradoras tão cheias de entusiasmo a princípio não esmoreçam. Lembro-me agora de um trechozinho de ouro que conservo da carta pastoral de D. Sebastião Leme sobre a Doutrina Christã, do qual citarei, por vir muito a propósito, o seguinte:

... «Ora, não nos arreceiamos de afirmar que, sempre promptos para o esforço e sacrificio, somos, em geral refractarios à disciplina.» — Queria propor-vos um pacto, o qual consiste em marcar cada colaboradora o prazo de suas colaborações. Assim, por exemplo, Eunyce Dagmar propor-se-á a escrever de duas em duas semanas; Lili prometterá um contosinho todos os terceiros sábados; Guilhermina, por castigo de seu prolongado silencio, deverá escrever as suas cartas à Eunyce pelo menos uma vez por mês, e assim por diante. Si a nossa boa Zenir Alcée concordar com a minha proposta, lembrarei mais que podia ser publicada a lista das colaboradoras com a respectiva época compromettida, o que de antemão cada qual lhe comunicará.

Mas... a disciplina! Uma vez compromettidas, não devemos faltar, mesmo que só escrevessemos algumas linhas pequeninas, simples, mas todavia com um fundo util ou agradavel.

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas :

Anno	4\$000
Mez	\$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuas pagas terá direito a uma gratuita.

—o—

A assignatura annual para os assignantes da Epoca custa 2\$000.

Só com uma disciplina sem transigencias poderemos levar a cabo a nossa tarefa de Restaurar tudo em Christo e... eis o vehementemente anhelo de meu coração, anhelo que já toca as raias da realidade: ver no modesto jornalzinho das donas e donzellaz um orgão valente da *Alliança Feminina* em Santa Catharina. Podemos até formar nós, as collaboradoras, as primeiras aliadas, e por que não? si a imprensa, a boa imprensa é a primeira necessidade que D. Amelia proclama para o recrutamento de forças, isto é, associadas convictas que entendam a obra, que a queiram realizar.

Já vai longe a minha dissertação de hoje que, si tem o valor de um assumpto momentoso, é tratado por quem menos sabe; entretanto confio na bondade das gentis leitoras que levarão em conta a minha inaptidão e mais ainda a minha Fé com a qual, digo com S. Paulo, *serei capaz de transportar montanhas*.

Companheiras, ás armas!

Restaurar tudo em Christo!

Fabiola.

As Ortiguera

COMEDIA EM 1 ACTO.

Traduzida do hespanhol por Edésia Aduuci.

Personagens:

D. Maria,
Carmen, sua filha,
Ignacia, creada,
Genoveva,
Lucia,
Joanna.

Sala modesta. Móveis convenientes. Porta no fundo e lateraes.

SCENA I.

D. Maria e Carmen (de dentro).

D. Maria — (pondo a capa e olhando para a porta da esquerda, fala com Carmen) Mas, minha filha, tu não vae a um baile!... Nem sei como é possível levares tanto tempo para te apromptares! Arre! Que meninas estas de hoje!

Carmen — (de dentro) Ora, mamãe! A Sra. ainda me atrapalha mais, falando assim!

D. Maria — Quatro horas, doze minutos e trinta segundos para mudar o vestido e os sapatos! Justo céo! No meu tempo...

Carmen — (pondo a cabeça de fóra) Na quelles gloriosos tempos do general Espartero... (Desapparece)

D. Maria — Sim, senhora! E com muita honra! Naquellos gloriassimos tempos, que jamais voltarão...

Carmen — (de dentro) Deixe em paz eses tempos, mamãe, e trate de (Apparece em scena) melhorar a sua sorte e a minha!

D. Maria — Tão mal nos corre então a vida?

Carmen — Esta mamãe anda sempre no mundo da lua! Pois é possivel que já não se lembre que mal se pode viver com 50\$000 mensaes?!

D. Maria — Mas, filha, ainda não ouviste dizer que vão dentro em breve pagar-nos os mezes que nos devem desde a ultima guerra? E não sabes que nos toca uma boa quantia?

Carmen — Oxalá!, porque já estamos reduzidas ao ultimo extremo! Para só falar na roupa, veja este vestido: é mais velho que a Sé de Braga!

D. Maria — Pois si é do meu casamento...

Carmen — E a Sra. nunca m'o tinha ditto! Meu Deus!, que vergonha! E com estas cōres a Sra. foi ao altar?

D. Maria — Por certo!, e te parece pouco bonito?



Diario da Filha de Maria

COMO DEVIA SER NOSSA VIDA

(Versão livre do frances por Mary)

Nossa vida devia ser — trabalho e dedicação em prol de um ente amado!

Trabalho e dedicação conhecidos, apreciados, agradecidos e estimados — não por todo o mundo (desejal-o seria ridículo amor proprio e fonte de amargas decepções) — mas por aquelle por quem nos dedicamos e de quem nos sentimos amados!

Trabalho e dedicação sob o olhar desse amigo íntimo e sob sua inteligente e bem-fazeja direcção — trabalho que saibamos servir para a sua glória e sua felicidade.

Oh! si assim fosse nossa vida, com que doce confiança não exhalariam o ultimo suspiro!

*
Pois bem, minh'alma, tua vida pode ser assim!

Si tu o quizeres, não passará uma hora em que não possas aumentar a gloria de Deus!

Tuas accções podem ser feitas com Jesus, perto de Jesus, sob o olhar e a direcção de Jesus, que então as acolherá com benevolência, para um dia as recompensar.

Deus Nossa Senhor pode, com as tuas pequenas, fracas e incompletas acções, e até mesmo com os teus simples desejos (se o sofrimento paralysar teu trabalho) — confundir o mundo, salvar as almas, povoar o céo, dar a todo o Paraíso um aumento de gloria e de felicidade!

Senhor, meu Deus — dir-vos-ei então com um grande santo — eu me offereço a Vós para trabalhar para Vossa honra e gloria!

— «O» —

Carta aberta

Muito caras sobrinhas.

E' com carradas de razões que venho, a depois de algum tempo, manifestar meu maior contentamento pelo grande successo que causou o artigo com o titulo — *As F. de Maria e a Moda*; muito bem, minhas meninas: hai ainda nestas éras quem pense bem e quem diga á verdade sem preambulos... Na verdade, quando a gente sae a passear pelas bellas ruas da nossa capital, fica ás vés de cara no chão e até é capaz de pensá que anda em riba da lúa.

Ménina Zenir Alcée, si falas com a bocca e prácticas com acções, és uma das mais ricas de minhas sobrinhas.

E verdade que as minhas meninotas sem duvida pensaram que á velha rabugenta já tinha esticado canella, mas não é assim, não; aqui estou eu p'ra alfinetá as corriqueiras sobrinhas; embora hoje em dia seja moda até a gente não dizer as verdades, a titia não pôde, nem por nada deste mundo, metter a lingua no sacco.

Quanta menina bonita, mas quantas coitadinhas mal guiadas, caprichosas, da moda, e do comportamento!

Ainda na ultima vez que fui á cidade, vi algumas, numa rodinha, cada qual mais gasguita, mais sarilha, e mais pintada, sim, tudo menos amor á virtude e ao trabalho.

Não sei meismo aonde foram parar as solidas lições que nos deixaram os nossos ascendentes.

Minhas queridas, noutros tempos passados, não havia, é verdade, tantos progressos, mas tambem os progressos dagora são tão estupendeos e taes, que as nossas brasileiras tornam-se, escravas dos caprichos modernos.

Minha sobrinha Zenir Alcée, um abraço e muitos parabens queiras receber, por tuas palavras ditas com toda a verdade; as boas meninas devem sempre se alebrar que o nosso exemplo deve ser Maria Santissima, nossa Santa Mãe. A benção da solidaria

Furadinho, 30 de Outubro de 1919.

Titia Xanda.

— «O» —

Graças

Algumas Filhas de Maria agradecem a Sto. Antonio por lhes ter dispensado sua protecção, num perigo, enviando a esmola de 28000 para a Pia União de Sto. Antonio.

Depois da communhão

(Versão do hespanhol por Zenir Alcée.)

Aqui dentro do peito
Sinto uma chamma,
E uma voz que me diz:
«Jesus te ama!»
Oh! terno amigo,
Eu desejo co'ardor
Morrer contigo!

Teu amor, Jesus santo,
E' doce luz
Que dá gôso e confórta
Mesmo na cruz!
Meu bom Senhor,
Si de mim Te afastares,
Só fica a dor!

Nunca teve meu peito
Tanta ventura,
Nunca bebeu minh'alma
Tanta doçura!
Ah! não Te vás!
Não deixes que de Ti
Me aparte mais!

Por Ti só neste mundo
Vive minh'alma;
Em Ti só eu encontro
Consolo e calma!
Oh! doce guia,
Por Ti mil e mil vezes
Eu morreria!

Amar-Te, amar-Te sempre
Com mais fervor,
Eu desejo e Te peço,
Meu Salvador!
Oh! Pastor santo,
Para Ti, neste exilio,
Trabalho e canto!

Aviso

As Filhas de Maria e demais fieis que desejarem publicar alguma graça alcançada por intercessão da Santissima Virgem Maria ou do milagroso Sto. Antonio, podem servir-se das nossas columnas, pois que resolvemos, para maior gloria de Deus, tornar mais conhecidos os favores que sua santissima Mãe, a «omnipotencia supplicante», e seu fiel servo, o grande thaumaturgo, alcançam para aquelles que recorrem, com confiança, á sua valiosa protecção.

— «O» —

CORRESPONDENCIA

HELOISA (Palhoça) — Grata pela missiva, que recebi um pouco tarde. No proximo nº. serei mais estensa.

Z. A.

DOMINIOS DA ESPHINGE

(9.º torneio charadistico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Tres premios ás vencedoras

40-42) NOVISSIMAS

A' boa amiga Fabiola.

Come insectos esta casta de animaes-2,3

A criminosa viu ali um batrachio-1,1

Encontrei a fructa na mão desta mu-
lher-1,2. I. A.

9) ANCILLA DOMINI

Eugenio e Celina

— Tens razão, não devo esmorecer assim... nas mãos de Deus deposito o meu futuro...

— E serás minha?

— Sim, si tal fôr a vontade do Senhor — retrucou ella.

IV

A VOLTA

Bastante contrariada ficou a D. Emilia quando na manhan seguinte ao se installar no wagon, viu chegar Eugenio, que tambem voltava.

O rapaz encetou logo animada palestra com Celina que assim se esquecia de todos os dissabores passados e futuros.

Aquella assiduidade do rapaz punha D. Emilia fóra dos eixos:

— Dr. Eugenio — disse ella com marca-
da emphase — eu lhe repito: Celina está noi-
va!

— Eu já tenho a honra de o saber, mi-
nha senhora — retrucou o joven com malicio-
so sorriso.

— Ah! — fez a Sra., espantada, sem a-
tinhar com o noivado a que se referia Eu-
genio.

Os dois jovens tinham combinado só fa-
lar em seu projectado casamento alguns dias
após a chegada ao Rio, dando tempo á D.
Emilia de se refazer das fadigas da viagem.

— Minha mãe — disse Celina na semana
seguinte — peço-lhe o consentimento para me
casar com Eugenio Martins.

Verdadeira scena dramatica se seguiu:
lagrimas, protestos, soluços.

— Não, nunca! não podia ter duas pa-
lavras, etc., etc.

— Escute-me, por quem é, mamãe, —
ponderou Celina. — Será possivel que a se-
nhora queira fazer a infelicidade de sua filha? Si eu me casasse com Augusto, seria
a mais desgraçada das mulheres, pois nem
siquier o posso estimar.

D. Emilia chorava convulsivamente e Ce-
lina, receando outra explosão nervosa, calou-
se novamente.

Mas... seja a ausencia do meio habi-
tual, seja talvez mais ainda a falta do genro

a lhe apoquentar o animo, certo é que fo-
menos ardua a porfia do que esperava Celina. Demais, Eugenio, todo attenção e deli-
cadeza para com a Sra.; tinha-lhe sabido
conquistar a boa vontade. De modo que pas-
sados alguns dias, deu D. Emilia entre co-
pioso pranto o seu consentimento ao pro-
jectado enlace.

EPÍLOGO

Diversas vezes encontrara Augusto a Eu-
genio em casa da sogra, e aquella frequen-
cia de um joven attrahente e sympathico o
exasperava. Uma tarde, encontrando a cu-
nhada sósinha na sala, della se aproximou
Augusto com olhos resplandecentes de um brilho
morbido:

— Preciso que me dês uma explicação,
Celina; a que titulo frequenta Eugenio Mart-
tins a tua casa?

— E' meu noivo — respondeu Celina —
eu queria justamente participar-te que con-
tratei casamento...

— Ah! isto é que não ha de ser! — ex-
clamou o tresloucado sacando do bolso um
reluzente rewolver — Si não fores minha e-
sposa, d'outro tambem não serás!

Immediatamente ouviu-se o estampido de
dois tiros e logo em seguida mais dois que
Augusto desfechou no proprio ouvido.

Celina, attingida de leve no braço, viu
cahir o cunhado por terra, quasi a morrer.
Só daquelle alma desgraçada se lembrou en-
tão a moça: correndo ao tympano mandou
que chamassem ás carreiras um sacerdote,
prostrando-se de joelhos ao lado do moribun-
do, dizia em voz alta:

— Pelo amor de tua mae, Augusto, pe-
de a Deus perdão por esse acto de desespe-
ro. Eu te perdão, irmão meu, tudo quanto
por ti soffri, e que o Senhor misericordioso
se compadeça de tua pobre alma.

Augusto, nas vascas da agonia, nada po-
dia responder, mas Celina continuava a im-
plorar para elle a clemencia do céu até que, vencido talvez por tamanha generosidade e
tocado pela graça divina, exclamou com um
fio de voz:

— Obrigado, irman, adeus, perdão!

— Que o Senhor te perdõe!

— Sim, reza por mim, Celina, sé feliz,
meus filhos...

Nada mais disse; entrava nesse momen-
to o sacerdote que apenas o pôde ungir; o
infel mal respirava ainda...

Passados meses, casava-se Celina, sem
fausto, na maior intimidade, e desde então,
no cumprimento de seus serios e graves de-
veres, sente-se ella feliz, amparada pela forte
e meiga affeição de Eugenio, que se tor-
nou verdadeiro filho para D. Emilia e pae
dedicado dos tres orphãozinhos.

A pedido da esposa, procurou elle tam-
bem a sua familia, vivendo todos na mais
completa paz e harmonia.

—FIM—